

A Presença Indígena na Formação Cultural do Ceará

JUAREZ FERNANDES LEITÃO*

OS ÍNDIOS DO CEARÁ: QUEM ERAM E ONDE ESTAVAM?

*“É bom que as crianças saibam
quem foi que habitou primeiro
esta terra onde vivemos
no nordeste brasileiro;
Não foi o negro nem o branco
nem o árabe nem o franco
mas o índio mandingueiro.*

*Mandingueiro e astucioso
era o índio cearense
no mato atrás de alguma
coisa que a caça compense;
Mangador e engraçado...
Olhado de qualquer lado
sua esperteza convence.*

*Os indígenas cearenses
cobriam várias regiões
destas terras semiáridas
de carrascais e grotões
em números já definidos
estavam distribuídos
em numerosas nações.*

*Os índios por essas bandas
Eram **tapuias e tupis.**
Uns eram os **língua travada**
dispostos e varonis;
Outros, os de **língua geral,**
buscavam no litoral
seu jeito de ser feliz”.*

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará e 2º Vice-Presidente

Os versos do poeta popular Francisco Miranda, conhecido como Chico Ventania, já nos dão algumas informações sobre os primitivos habitantes do Ceará.

Quando os colonizadores brancos aqui chegaram, em 1603, encontraram muitas nações indígenas distribuídas por todo o espaço físico da terra cearense. Os piratas franceses haviam antecedido aos portugueses e, com jeito e agrados, tinham conquistado a simpatia de algumas tribos, o que provocaria muitas dificuldades no esforço de ocupação que os lusos empreenderam.

Embora os tupis estivessem preferencialmente no litoral, povoavam também várias paragens do interior, desde o Baixo Jaguaribe às vertentes caririenses, além do Sertão Central e dos vales da Região Norte.

Os tapuias, especialmente o subgrupo dos tabajaras, preferiam as serras, mas poderiam ser encontrados também em diversos outros pontos dos vales dos rios Jaguaribe, Salgado e Acaraú.

Os dois troncos étnicos básicos dos índios do Ceará, portanto, são - como disse o poeta - os TUPIS, chamados de **índios de língua geral**, e os TAPUIAS, classificados como índios de língua travada.

Esta classificação foi feita pelos estudiosos a partir da maneira como os grupos se expressavam: Os tupis, de pronúncia bem articulada, e os tapuias, de modo embrulhado, com fala engrolada, quase ininteligível.

Os tupis eram mais apegados à terra, demorando muito tempo nos mesmos lugares enquanto a pesca e a caça lhes fossem favoráveis. Já os tapuias tinham uma vocação nômade mais acentuada, demorando menos e se deslocando mais.

Os dois grupos tinham vários subgrupos (tribos) e, mesmo se tratando de povos nômades, poderiam ser mapeados assim:

Anacés nas margens do rio Acaraú, na zona norte do Ceará. Na mesma região poderiam também ser encontrados tribos de Camamus e Tremembés.

Baturités e Jenipapos ocupavam a região do maciço de Baturité.

Calabaços, onde hoje está o município de Lavras da Mangabeira.

Canindés, na região do mesmo nome.

Cariris, Cariús, Caucaias, Icós, Chorós, Inhamuns, Jucás, Quixarás (Quixadás) e Quixelôs deram nome aos lugares onde predominaram e que, hoje, são importantes regiões, cidades e distritos do Ceará.

Entre a Serra da Joanhina e a Serra Grande (Ibiapaba), nas cabeceiras do rio Poty, viviam os Caratiús, conhecidos por sua ferocidade.

Juritís eram tapuias da Serra da Ibiapaba, onde também viviam os Tabajaras, Jurambambés, Curutís e Tucurijus.

Paianis e Pitaguaras, na região jaguaribana.

Paiacus, em Pacajus.

Pitaguaris, em Maracanaú e Maranguape.

Potiguaras, ao longo da costa cearense, desde o Rio Grande do Norte à Barra do Ceará, hoje, um bairro de Fortaleza.

Quiquipaus, na serra do Araripe.

Quixelôs, no Iguatu.

Gaios, Juburus e Paliés eram tribos errantes, de deslocamento intenso e contínuo.

*“A identidade indígena foi retomada através de algumas personalidades de nossa história, como o **PADRE IBIAPINA**, que ressuscita algumas práticas e valores dos primitivos habitantes do Ceará: mutirão no trabalho, valorização da mulher e diversificação profissional das artes. **JOSÉ DE ALENCAR**, ao escrever o romance **IRACEMA**, estabelece afetuosamente o mito nacional do indianismo. **ANTÔNIO CONSELHEIRO** descobre a capacidade revolucionária dos caboclos nordestinos na luta contra a opressão ao arregimentá-los na Guerra dos Canudos. **PADRE CÍCERO***

*ROMÃO reanima a tradição cariri das festas de reisado, ensina a diversificação na agricultura, defende a ecologia e exalta o poder das ervas no combate às doenças. E o **BEATO JOSÉ LOURENÇO** cria uma comunidade igualitária no sítio Caldeirão, semelhante às sociedades indígenas, onde todos trabalhavam para todos sem exploração entre eles, nem ambição individualista.”*

MARIA AMÉLIA IN “CEARÁ DE CORPO E ALMA”

MITOS, COSTUMES E INFLUÊNCIA

A fama de **INDOLENTES**, atribuída aos índios, é injusta e desinformada. Na verdade, o índio estava num estágio cultural ainda **coletor**, isto é, colhendo da natureza o necessário para se alimentar, sem preocupação de repor através de sementeira ou do pastoreio aquilo de que se fornecia. A atividade coletora foi uma etapa da cultura humana. Mesmo assim cultivavam a mandioca e o milho.

Até o fato de usar a rede como leito é dado como um indicativo de preguiça. E a própria caça, atividade até agora praticada pelos civilizados, é apontada como uma facilidade, conforme pode ser visto nestes versos do cantador Azulão em debate com um outro poeta que tinha traços indígenas:

*“Sou negro, mas sou disposto
do serviço não me atalho.
Índio, porém, da preguiça
sempre fez seu agasalho.
Mata um pássaro se tem fome
e nunca planta o que come
pois tem pavor do trabalho.”*

Das árvores nativas o cajueiro era a preferida do índio cearense. Além de comer a baga e a castanha assada, produziam com o suco várias bebidas. Uma delas era o **mocororó**, que podia ser bebido como aluar e, posto para azedar durante dias, se transformava em bebida alcoólica. A mais forte bebida para embriagar era o **cauim**, feito com suco de caju e mandioca, em processo de fermentação, muito usado nas festas tribais. A cajuína, hoje um refrigerante típico do Ceará, foi fabricada pelo farmacêutico e intelectual Rodolfo Teófilo a partir de receita indígena.

A medicina caseira deve muito ao conhecimento das ervas repassado pelos índios. Em todo o sertão cearense, antes de se recorrer ao remédio de farmácia, tenta-se o xarope de folhas e raízes, conhecido como *garrafada*, de reconhecida e apregoada eficiência.

A figura da rezadeira, que ainda está presente nos dias contemporâneos, é uma herança afro-indígena. Personagem extremamente solicitada pelos sertanejos, munida de um raminho com o qual faz gestos no ar enquanto murmura rezas ininteligíveis, atua contra os males físicos como a vermelha, os panarícios e as perebas; e também sobre os abatimentos de caráter subjetivo, como os maus-olhados, os quebrantos e as tristezas de amor.

A arte cearense da pesca é outro atributo indígena. O pescador do Ceará é conhecido por sua afoiteza, enfrentando o mar bravio sobre a jangada, um tipo de embarcação frágil e sem segurança. Também com os índios o nosso pescador aprendeu a tecer sua rede de pesca, a tarrafa.

O artesanato cearense é famoso em todo o mundo. Seja com a palha de carnaúba, com a fibra de tucum e de algodão ou, ainda, com o barro, os resultados obtidos pelas mãos dos tecedores e oleiros é magnífico. As rendeiras do Aracati fabricam várias modalidades de bordados, entre eles o *labirinto*, caprichoso trabalho de renda que pode levar meses para ser concluído. Os índios eram exímios artesãos e repassaram essa arte aos cearenses.

As danças em círculo, como as cirandas e os reisados, são outra marca permanente da cultura indígena. Essas festas e bailados folclóricos, que são atrações interessantes dos nossos dias, nos foram ensinados pelos índios. Com a fusão das culturas branca, negra e índia, alguns desses espetáculos sofreram modificações e acréscimos, mas em todos eles predominam a forte inclinação indígena para a dança de terreiro alegre e rodopiante.

Muitas palavras do tupi-guarani foram incorporadas ao nosso vocabulário. A denominação de comidas, como **pirão, tapioca, mingau, cauim, mocoioró**. De animais: **Anu, baiacu, caburé, tejo, guabiru, jararaca**. De plantas: **Aguapé, mandioca, cajá, jurema**. De objetos: **Jacá, girau, patuá, arapuça, cuia, maracá**.

Uma presença forte é a denominação de nossos municípios, em sua grande maioria, decorrente da formação de palavras indígenas.

Citemos alguns:

Abaiara (homem ilustre)

Acaraú (rio das garças)

Acopiara (aquele que cultiva a terra)

Aiuaba (lugar da bebida)

Aquirás (gente da terra)

Aracati (vento que sopra à noitinha)

Baturité (serra verdadeira)

Beberibe (lugar onde cresce a cana)

Camocim (urna para enterrar o morto)

Cariré (peixe diferente)

Caucaia (mato queimado)

Crateús (batata de teú)

Groaíras (mel que os pássaros gostam)

Guaramiranga (pássaro vermelho)

Ibiapina (terra tosquiada)

Icó (rio da roça)

Iguatu (água boa)

Irauçuba (amizade)

Itaiçaba (passagem das pedras)

Itapipoca (pedra quebrada)
Jaguaretama (lugar onde moram as moças)
Maranguape (vale da batalha)
Pacatuba (morada das pacas)
Paracuru (lagarto do mar)
Parambu (pequena cachoeira)
Paramoti (rio que se estreita)
Potengi (riacho dos camarões)
Quixadá (pedra que corta)
Quixeramobim (carne gorda)
Tauá (barro vermelho)
Tianguá (lugar onde há sinais d'água)
Trairi (rio das traíras)
Ubajara (senhor das canoas)
Uruburetama (lugar dos urubus)
Uruoca (lugar das galinhas).

TANAJURA, COMIDA DE ÍNDIO

Sempre que desabam as primeiras chuvas do ano na Ibiapaba dá-se a caça às tanajuras. É quando os insetos, abandonando os formigueiros, voam em busca de outras paragens. Ora, comer tanajuras é um velho hábito alimentar dos ibiapabanos, herdado de seus avoengos tabajaras e conservado até hoje. As formigas, nessa fase do ano, estão gordas e ovadas, constituindo uma tentação para

os serranos. Então, saem todos – homens, mulheres e meninos – munidos de folhas de coqueiro a persegui-las. Enquanto não as derrubam, cantam eles um jargão que diz:

***cai, cai, tanajura,
que teu pai tá na gordura!***

Sob o impacto das folhas de palmácea os insetos vão caindo e sendo guardados nos patuás dos caçadores. Alguns deles se apressam em devorá-las, arrancando-lhes as cabeças e as asas e comendo-as mesmo cruas. Uma vez cheios os patuás, as tanajuras são levadas para as cidades da serra – São Benedito, Viçosa, Ipu e outras – e vendidas aos litros mediante preços elevados. Ricos e pobres gostam de saborear tanajuras, havendo várias maneiras de prepará-las. Uns guisam-nas em cacos de barro no próprio óleo ou nos óleos vegetais. Já as pessoas sofisticadas preparam-nas na manteiga. Tanajuras guisadas! Eis uma boa pedida nos bares e hotéis da Ibiapaba.

ALBERTO GALENO IN “A COZINHA DOS CABEÇAS-CHATAS”

LUTA DE RESISTÊNCIA - A CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS

Os colonizadores chamaram de “Guerra dos Bárbaros” ao movimento de reação dos índios contra os invasores brancos de suas terras.

A felicidade dos primitivos habitantes do Ceará terminou com a chegada dos colonizadores no século dezessete. Avançavam as fazendas de gado e, à medida que esse avanço acontecia, os índios eram desalojados de suas terras querendo ou contra sua vontade.

O comportamento dos brancos na conquista do território cearense foi de todo condenável. Chegavam apresando os índios, violentando suas mulheres e filhas e assassinando friamente todos os que resistiam. Exemplo desse tipo de ação foi a bandeira de Pero Coelho (1603-1607), que marcou a sua passagem pela violência.

Nesse esforço de ocupação a Igreja Católica desempenhou o papel de amansadora dos silvícolas, preparando-os para a dominação branca. As missões eram aldeamentos de índios sob o comando dos pregadores jesuítas e franciscanos que, através da catequese, os pacificavam, fazendo com que substituíssem o tacape, a borduna e a flecha pelo inofensivo rosário. Assim, apaziguados, a indiada se tornava presa fácil para o invasor.

Muitas dos aldeamentos instalados pelos missionários são importantes cidades do Ceará atual.

A Missão da Ibiapaba é a cidade de Viçosa do Ceará.

A Missão de Paupina, o município de Messejana, depois reduzido a distrito de Fortaleza.

A Missão do Miranda, a cidade do Crato.

A Missão de Paiacus, a cidade de Pacajus.

A Missão do Bom Jesus da Porangaba, o distrito de Parangaba, em Fortaleza.

A Missão de Soure, a cidade de Caucaia.

Alguns chefes indígenas foram convencidos a ajudar os colonizadores, aliando-se com eles e incorporando suas tribos ao exército branco. Verdadeiros batalhões de índios enfrentavam as tribos renitentes numa guerra lastimável de irmãos contra irmãos. Dessa forma, lutando contra sua própria raça, contribuíram para sua extinção.

A crônica histórica registra que, apesar dos que foram convencidos a colaborar, os índios do Ceará estão entre os que mais expressaram revolta contra o arbitrário colonizador. São vários os exemplos e diversas as formas da reação heroica do silvícola cearense, seja escapando dos aldeamentos ou fugindo do cativo, seja se armando bravamente contra o invasor, atacando vilas e fazendas, matando quem encontrasse, numa resposta sangrenta ao tratamento recebido.

Os europeus respondiam à resistência com redobrada violência, fazendo o que chamavam de “guerra justa”, um verdadeiro massacre genocida sobre os que se revoltavam contra a ocupação planejada por Portugal.

Foi assim que nasceu a CONFEDERAÇÃO DOS CARIRIS, um movimento revolucionário indígena que se estendeu de 1683 a 1713, envolvendo guerreiros do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Piauí e, principalmente, do Ceará.

Os Cariris (denominação equivalente a Tapuias), ocupavam a vasta região que vinha da margem esquerda do rio São Francisco até as encostas das serras cearenses do Araripe e da Ibiapaba. Ocupavam o miolo do território, o grande sertão, mas também se espalhavam ao longo dos rios e de suas cabeceiras se aproximando, inclusive, do litoral e para lá se dirigindo dos meados de setembro até novembro para colher a safra dos cajus, um dos seus alimentos prediletos.

Reagindo aos que lhes tomavam os espaços, os índios revoltados espalharam o medo e a insegurança nas fazendas e vilas, levando as autoridades locais a requerer urgentes providências do Governador Geral.

Manuel da Ressurreição, então Governador Geral do Brasil, diante dos pedidos aflitos dos nordestinos e não dispondo de forças suficientes na região, decidiu mandar vir de São Paulo experientes bandeirantes para reprimir a revolução dos Cariris. Estes vinham comandados por Matias Cardoso de Almeida.

Mesmo com a superioridade de armamento dos brancos e a calejada experiência dos paulistas, os bravos silvícolas ainda sustentaram a luta por cerca de trinta anos.

As nações mais fortemente envolvidas, consideradas subgrupos Tapuias/Cariris, foram as dos Baiacus (Paiacus), Anacés, Jaguaribaras, Acriús, Canindés e Jenipapos que, depois, receberam a adesão dos Tremembés.

Terrível foi o ataque surpresa dos índios à Vila de Aquiraz, que na época era a sede da Capitania, resultando no trucidamento imediato de mais de duzentas pessoas. Os sobreviventes fugiram espavoridos, mas foram perseguidos na estrada e muitos deles igualmente abatidos. Os que conseguiram chegar à Fortaleza de Nossa Senhora d'Assunção, ao obter abrigo, narravam cenas espantosas do ataque liderado pelos Paiacus e ajudado por outras tribos furiosas.

Os historiadores explicam, a partir desse episódio, a razão de Fortaleza ter tomado de Aquiraz o comando da Capitania. Era uma questão de segurança: junto ao Forte a população se sentia mais protegida.

Nessa altura dos acontecimentos foi formado um regimento especial, composto de campeadores, vaqueiros rastreadores e paulistas mateiros, todos comandados pelo feroz coronel João de Barros Braga. O ingresso desse batalhão, também enxertado de índios amigos, mudaria o curso da guerra.

Encourados, munidos de bons cavalos e grande conhecimento da mata e do sistema de deslocamento dos indígenas, os componentes do regimento especial conseguiram o extermínio maciço dos revoltados, cobrindo de sangue as águas, as chapadas e os vales do Ceará e de outras capitânicas vizinhas. Assim, a ferro e fogo, foi dobrada a tenaz resistência dos índios deste pedaço do nordeste.

Para muitos, Canindé é apenas o nome de uma cidade. Ignoram que Canindé foi um indígena que, junto com seu povo, conseguiu um fato único em toda a História do Brasil: firmar um tratado de paz com o próprio rei de Portugal, tratado este que foi desrespeitado por Portugal e nunca pela nação indígena à qual Canindé pertencia. Este fato, por si só, ilumina o passado do Ceará revelando a dignidade indígena numa terra onde os povos originais foram brutalmente eliminados ou escravizados. A data do tratado é 10 de abril de 1692 e os documentos referentes ao fato são conservados nos 'Documentos Históricos' da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, volumes 10, 11, 33 e 34.

EDUARDO HOORNAERT IN "CATEQUESE E ALDEAMENTO"

POVOS INDÍGENAS SOBREVIVENTES

Em 1863, um decreto da Assembleia Provincial do Ceará declarava oficialmente que não existiam mais índios no Ceará. A declaração oficial liberava a grilagem indiscriminada sobre o que restava das terras indígenas, podendo qualquer um, que tivesse força e ambição, invadir e se apossar.

Os que ainda se reconheciam como índios e disso se orgulhavam conseguiram passar para os seus descendentes o que puderam conservar de costumes e tradições, no intuito de que não perdessem de todo a identidade cultural. A língua foi a mais prejudicada, esquecida completamente como meio de comunicação das gerações que se seguiram aos massacres. Restaram as muitas palavras do tupi-guarani incorporadas ao português, presentes nas denominações de árvores, bichos, objetos e, também - como vimos - no nome da maioria dos municípios cearenses e, ainda, em algumas cantigas que são executadas nas festas das aldeias.

A partir da década de 80, do século passado, os índios cearenses começaram um movimento pela recuperação de seus direitos de posse de terra e pelo reconhecimento de suas etnias. A Fundação Nacional de Saúde, FUNASA, preocupada em dar assistência sanitária e social às populações indígenas, procedeu um levantamento estatístico sobre os sobreviventes, conseguindo identificar e mapear quinze etnias no Ceará.

Segundo esse relatório, o Ceará tinha, em 2010, uma população de cerca de 23 mil índios, distribuídos nos municípios de Aquiraz, Aratuba, Beberibe, Caucaia, Crateús, Ipueiras, Itarema, Maracanaú, Monsenhor Tabosa, Novo Oriente, Quiterianópolis, Pacajus, Pacatuba, São Gonçalo do Amarante, Trairi e Viçosa do Ceará.

Os CALABAÇAS habitam o município de Poranga e ali estão misturados aos TABAJARAS, formando uma população de 229 índios.

Os JENIPAPO-CANINDÉ, descendentes dos Paiacus, habitam a Lagoa do Encantado no município de Aquiraz e sua população atual é de 303 índios.

Os PITAGUARYS, grande tribo que habita o município de Maracanaú numa área já reconhecida de 1.735,60 hectares e com uma população atual de 3.900 índios.

Os POTIGUARAS, muito numerosos na Paraíba, aqui no Ceará habitam o município de Crateús. Deles não temos o número da população atual.

Os TREMEMBÉS, uma das mais antigas nações indígenas do Ceará, hoje habitam os municípios de Itarema, Acaraú e Itapipoca, com uma população estimada de mais de 3.000 indivíduos.

Os TABAJARAS, habitam os municípios de Crateús, Quiterianópolis, Ipueiras e Poranga, com uma população de cerca de 3.000 índios.

Os TAPEBAS, o maior grupo indígena sobrevivente do Ceará, habitam o município de Caucaia e tem uma população atual de cerca de 6.500 pessoas.

Os CARIRIS, designação da principal família de línguas indígenas do sertão nordestino, hoje são identificados como um pequeno grupo de 116 indivíduos que habitam o sul do estado.

Os JANDUÍIS-CANINDÉS, a tribo original do histórico cacique Kanindé, aquele que, no século XVII, firmou um acordo de paz com o rei de Portugal, atualmente habitam os municípios de Aratuba e Canindé, com uma população de cerca de 800 índios.

Os ANACÉS, habitam os municípios de Caucaia e São Gonçalo do Amarante, com uma população de 1.300 índios.

Os TUPINAMBÁS, habitam o município de Novo Oriente e, em 2010, eram apenas 50 índios.

Os TUBIBAS-TAPUIAS, descendentes dos índios rebeldes, habitam o município de Monsenhor Tabosa e, segundo a FUNASA, somam apenas 105 indivíduos.

Os GAVIÕES, descendentes da índia Alzira, que, vinda de Crateús com cinco filhos, ocupou a Serra das Matas, no município de Monsenhor Tabosa. Hoje são 40 membros.

Os PAIACUS, descendentes dos bravos Tapuias, hoje habitam os municípios de Beberibe e Pacajus, não se sabendo, por números exatos, quantos formam sua população.

Eis o que restou dos primitivos donos do Ceará, invadidos, agredidos e massacrados pelos colonizadores europeus e por seus descendentes.

Nos países sul-americanos colonizados pelos espanhóis, a presença indígena é marcante na fisionomia dos habitantes. No Brasil poucos traços físicos permanecem nos tipos humanos, com exceção dos estados que formam a Amazônia.

Entretanto, aqui, no Nordeste, predomina o caboclo, resultado do cruzamento dos vaqueiros ibéricos com as índias. Nas faces largas, na pele amarelada, na baixa estatura e, sobretudo, no jeito de ser engraçado e arteiro, o descendente do índio permanece.

“Dizem os historiadores que os índios brasileiros tiveram diante do invasor europeu três opções: a morte no combate, a fuga para o mato ou a religião. Aceitar a religião dos brancos significava para os índios salvar a sua vida física, mesmo perdendo em grande parte a herança cultural dos antepassados. Acreditamos que essa realidade se aplica ao Ceará. O povo cearense teve que aceitar a religião de seus dominadores. Assim se constitui um povo aparentemente submisso e mesmo apático, mas na realidade revoltado. A alma nunca aceitou o que o corpo teve que aceitar. Daí se explica como se verificam de repente cenas de violência num povo aparentemente pacífico.”

EDUARDO HOORNAERT IN “HISTÓRIA DO CEARÁ “
